

Português de Moçambique ou as metáforas “à solta”

Mário Vilela
Universidade do Porto

RESUMO

Em Moçambique, a língua portuguesa, associada como está à promoção da unidade e da consciência nacionais, tornou-se não só veículo político-administrativo como ainda enformador de modelos comunicativos e suporte de valores sócio-económicos. Por força da estrutura interna das línguas bantu e da imaginação africana, a língua portuguesa é arrastada para criações novas e inovadoras, onde se salientam dois traços marcantes: a decomposição de segmentos da língua portuguesa imitando a sequencialização fonético-discursiva bantu e a criação metafórica. É este segundo aspecto que nos propomos tratar.

A metáfora, provocando rupturas na sequência discursiva, traz contributos cognitivos perturbadores do nosso conhecimento enciclopédico. A metáfora, ao contrário da metonímia e da sinédoque, cria conflitos categoriais, de que resultam perspetivações novas. O ponto nevrálgico da metáfora é a de estabelecer negociações entre enciclopédias. E as “enciclopédias” visadas (enciclopédias “ponto de chegada”, ou “quadro”) são aquelas que decorrem da vida quotidiana, das preocupações do dia a dia, como são a “corrupção”, a “polícia” e os “políticos”, as dificuldades económicas, os prazeres da vida e os grandes princípios morais da vida social.

A metáfora instanciada na português moçambicano obedece aos parâmetros da metáfora em geral: o concreto serve de suporte às coisas abstractas, o fisicamente perceptível transfere-se para o mundo mental e contempla todas as categorias verbais: nomes e verbos, adjectivos e fraseologias, expressões idiomáticas e provérbios. Os traços sémicos e classemáticos são objecto de transferências inesperadas. É uma nova ontologia em gestação constante.

Palavras-chave: metáfora, metaforicidade, criação metafórica e recategorização metafórica, metonímia e sinédoque, categorização e lexicalização, inferência, enciclopédia e conhecimento enciclopédico, semas e classemas, protótipo, línguas bantu, nativização do português.

Data de Aceptación: xuño de 2003.

ABSTRACT

In Mozambique, the Portuguese language, associated with the promotion of national unity and consciousness, has become not only a political-administrative vehicle but also formative of communicative models and a bolster for socio-economic values. By force of the internal structure of the Bantu languages and African imagination, the Portuguese language is dragged toward new, innovative creations, where two aspects can be highlighted: the decomposition of segments of the Portuguese language imitating the Bantu phonetic-discursive sequentialization and metaphoric creation. It is this latter aspect we will be focusing on.

The metaphor, provoking breaks in discursive sequence, brings cognitive contributions that are disturbing to our encyclopaedic knowledge. The metaphor, contrarily to metonymy and synecdoche, creates categorical conflicts from which new perspectivizations result. The metaphor's neuralgic crux is to establish negotiations between encyclopaedias. And the "encyclopaedias" focused on ("starting point" or "frame" (Pt. "*quadro*") encyclopaedias) are those which result from daily life, from daily concerns, as are "corruption", the "police" and the "politicians", economic difficulties, the pleasures of life and the great moral principles of social life.

The metaphor found in Mozambican Portuguese generally obeys the parameters of the metaphor: the concrete serves as a basis for abstract things, the physically perceptible is transferred mentally and contemplates all verbal categories: names and verbs, adjectives and phraseologies, idiomatic expressions and proverbs. The semic and classematic aspects are object of unexpected transferences. It is a new ontology in constant gestation.

Key words: metaphor, metaphoricity, metaphoric creation and metaphoric re-categorisation, metonymy and synecdoche, categorisation and lexicalisation, inference, encyclopaedia and encyclopaedic knowledge, semes and classemes, prototypes, bantu languages, nativisation of portuguese.

0. O PODER DA METÁFORA NA NATIVIZAÇÃO DO PORTUGUÊS

Temos como um dado garantido a nativização progressiva do português em Moçambique¹: o português esteve e está associado à promoção da unidade nacional, à criação de uma consciência nacional e tornou-se o meio primário de comunicação nos mais diferentes cenários, inclusive, nos espaços do quotidiano que vão desde os mercados à vida normal das ruas das cidades. É nesse contexto que a língua portuguesa deixa de ser apenas veículo político-administrativo para enformar novos modelos de mensagens e símbolos ou novos valores sócio-simbólicos. O português tornou-se mesmo não só um factor como ainda um indício de promoção social².

1 Isto é o resultado de um processo histórico que envolveu (e envolve) Moçambique: «No Moçambique independente, foi conferido o estatuto de língua oficial ao Português, o que significa que, tal como no período colonial, o Português continua a ser a única língua usada em funções oficiais. Além disso, o Português foi também promovido pelo discurso oficial como língua da unidade nacional» (Firmino 2002: 232).

2 Cfr. Firmino 2002: 233ess. Nomeadamente, afirma-se (pg. 240) o seguinte:
«...o Português poderá ser actualmente o único símbolo que é amplamente reconhecido pelos moçambicanos e através do qual a ideia de uma nação é imaginada e experimentada, especificamente entre os moçambicanos urbanizados».

Neste contexto, o português, começando a ter novas funções sociais, desenvolve necessariamente tipicidades estruturais e discursivas próprias³, diluindo-se completamente o “traumatismo do ‘Preto-guês’”⁴.

Para um falante do português europeu, que muito tardiamente entra em contacto com Moçambique –como é o meu caso–, é uma língua deslumbrante a que nos entra pelos ouvidos e se entranha no mais fundo da nossa consciência de falantes de português. Ouvir chamar a um mercado *Dumba-nengue* cujo o significado é ‘confie nas pernas’ [*ku-dumba*: ‘confiar’ e *nengue*: pé / perna’] e depois obter como explicação da denominação o “facto de se tratar de um mercado informal, portanto, um mercado ilegal, em que o vendedor / comprador tem de contar permanentemente com as pernas para fugir da polícia” ou *Tchova-Xitaduna* –‘vá empurrando, vai pegar’: *ku-tchova* (‘empurrar’) e *ku-duma* (o arrancar de um motor)– a um tipo de carroça puxada pelo homem, obriga um falante europeu a ser todo ouvidos e todo olhos para poder sorver e absorver a língua sumarenta da criatividade africana: a força da metáfora africana.

Mas a criatividade não se limita a recorrer apenas às línguas nacionais: por exemplo, *bizininseiro* –‘homem de negócios’, ‘contrabandista’– construído com base em *business* ou *xiconhoca* –‘contra-revolucionário’, etc.– formado por Xico [Francisco] + nhoca/ nyoka [cobra]⁵. Só para mostrar como metáfora e metonímia se acompanham e se complementarizam, vejamos o caso de *mexe-mexe* para nomear ‘conjuntivite’:

«a Rosa faltou à escola porque tinha mexe-mexe»

em que ‘o constante esfregar dos olhos (mexe-mexe) devido à irritação provocada pela inflamação..» (Lopes et al. 2002: 105). Há uma capacidade imensa de jogar com a língua, de a decompor em blocos –como se fossem blocos de cimento ou tijolos– para recriar ou materializar conteúdos, especificar os sentidos diluídos na genericidade:

Showmício: show e comício

Sograria: casa dos sogros

Horas de tempo

Xicalamedida: xicalamidade + medida

Xiconhoca: Xico + conhoca

Xicorocoro: carro velho

3 Aliás, havia determinadas tipicidades já no tempo colonial (Cabral 1972).

4 Cfr. Firmino 2002: 243. Posso acrescentar que toda a classe dirigente (dos vários sectores) - naquilo que conheço - fala um português dentro do chamado padrão: mesmo a cor “local” –aliás muito marcada– iniciada nesse falar não representa qualquer “sotaque”.

5 O PE (= português europeu) tem uma expressão que parece cobrir alguns dos sentidos de *xiconhoca*: *xico esperto* e *xico-espertismo*.

O caminho que me proponho aqui seguir não é tanto o de mexer muito nas metáforas das línguas “nacionais” –que não conheço– mas sim o de remexer nas expressões do português africano a que tenho (ou tive) um acesso mais ou menos directo, portanto, com possibilidades de comprovar.

1. A METÁFORA COMO FORÇA INSTAURADORA DE NOVAS “ENCICLOPÉDIAS”

1.1. O ‘novo’ na criação metafórica

A metáfora, ao provocar uma ruptura na sequência discursiva⁶, traz um contributo cognitivo novo, contributo inovador e perturbador dos nossos conhecimentos enciclopédicos de longo prazo. A função da analogia instauradora da metáfora é não tanto a de colmatar lacunas –onde teríamos apenas a catacrese– mas sobretudo a de estabelecer pontes entre categorias distantes. As metáforas já lexicalizadas e congeladas podem –poderão mesmo?– perder o estatuto de desvio. Mas, nas metáforas “vivas”, o sentido novo tem de ser calculado, inferido a partir de uma categoria lexical em que normalmente não se usa, pois está fora da sua área de categorização⁷. E a identificação da metáfora é tanto mais fácil quanto mais distante estiver do seu campo de experiência normal.

É corrente fazer-se o confronto entre os desvios metafóricos e os desvios metonímicos / sinedóquicos, pois, nos dois casos, trata-se de um emprego categorial induzido: na metonímia / sinédoque, o uso abusivo resulta da utilização da categoria em que há uma ocorrência por uma outra, mas dentro de uma categoria compatível; na metáfora, dá-se a categorização de uma ocorrência numa categoria que normalmente não lhe está destinada. Isto é, na metáfora temos uma categorização desviante, na metonímia e sinédoque temos apenas ocorrências desviantes. O conflito categorial na metonímia / sinédoque situa-se na relação entre duas ocorrências (a normal e a desviante): comparação pela contiguidade; na metáfora, o desvio tem de ser explicado pela via da categorização, em que há comparação / confronto entre duas categorias afastadas. Usando a terminologia de Black, verifica-se tensão (a interacção) entre uma expressão usada metaforicamente (o foco ou veículo) e os termos co-ocorrentes⁸.

Servindo-nos da chamada psicologia da “Gestalt” ou no par acomodação-assimilação de Piaget, verificamos que a construção de classes é possível, porque armazenámos qualidades / propriedades a partir da observação de entidades. Depois, dá-se a integração de entidades em classes que partilhem essas qualidades. Categorizar não é apenas classificar: as

6 Chame-se a essa ruptura anomalia semântica, incongruência conceptual, ruptura lógica, etc. (cfr. Kleiber 1999: 192).

7 Cfr. Sperber / Wilson 1999.

8 Os termos usados por Black (1962) foram “focus” e “frame” (quadro ou teor) a que correspondem “vehicle” e “tenor” de [Richards (1936)].

classes não representam –isto é, não são– algo existente desde sempre e de uma vez para sempre. Algumas classes, como a dos animais, a dos utensílios domésticos, a das coisas usadas no dia a dia, estão (ou parecem estar) institucionalizadas, mas não acontece o mesmo com as outras. As classes institucionalizadas, por efeito da sua institucionalização, dão todo o aspecto de objectividade, mas as não institucionalizadas não dão essa aparência. Se dissermos

(dê-me uma) *Dona Laura*⁹
 (Os) *doze apóstolos* (estão na rua)¹⁰
 (Os) *patinhos* (nem deram por nós na estrada)¹¹
 (O que é que quer o) *cinzentinho*¹²?
 «O caso foi cair na *bufaria*»¹³

em que duas categorias distantes –uma ‘senhora’ e uma ‘garrafa pequena de cerveja’, uma ‘congregação religiosa’ e a ‘polícia’, os ‘patinhos’ e a ‘polícia’, a ‘cor cinzenta’ do uniforme e a ‘polícia’, um ‘conjunto de bufos’ e a ‘polícia política’ (do Estado)– introduzem desestabilizações mesmo em classes institucionalizadas, pois atribuem-se qualidades e propriedades a entidades inesperadas. Por exemplo, em “patinhos”, há uma alteração enciclopédica, em que intervêm a metáfora e a metonímia: esta motivada pela forma do boné dos “patos”, aquela motivada pelo traço “eles comem tudo o que lhes dão...[legal ou ilegalmente]”.

1.2. A metáfora como “negociação” entre enciclopédias

Os físicos procuram as partículas elementares e descrevem as suas interações fortes ou fracas (atração das massas, forças eléctricas ou magnéticas), a mecânica estuda o movimento dos corpos e as leis que os regem, a química estuda as propriedades dos elementos, a ecologia analisa o equilíbrio das espécies, a psicologia analisa o comportamento dos indivíduos, a linguística estuda a representação (conceptualização, classificação em categorias) e respectiva lexicalização das coisas. O importante é a categorização e esta apresenta-se sob a espécie de uma predicação: categorizar é predicar. A metáfora é precisamente a modificação da nossa categorização da experiência: há uma recategorização. Na predicação atribui-se

9 «Designação popular da cerveja de marca Laurentina» (Lopes et al. 2002: 60).

10 «doze apóstolos»: «Expressão para designar a *polícia de trânsito*. A origem da expressão reside na cor branca de parte do fardamento do polícia de trânsito, por analogia às vestes brancas usadas pelos membros da congregação religiosa ‘doze apóstolos’» (Lopes et al. 2002: 23).

11 Patinho(s): «*polícia de trânsito*. Prov(avelmente) são motivos para a existência do termo: (i) a pala do chapéu que se assemelha ao bico do pato; (ii) o facto do [sic] patinho não escolher o que come, comer tudo (na percepção popular, o polícia recebe tudo ou é subornado com qualquer coisa» (Lopes et al. 2002: 122).

12 «cinzentinho» «significa polícia comum da via pública... Cor cinzenta do uniforme» (Lopes et al. 2002: 51).

13 «bufaria ... Linguagem muito informal para designar a *polícia de segurança do Estado*. Do PE *bufo*».

uma propriedade à cerveja e distingue-se esta de uma “dona Laura” ou atribui-se à polícia uma dada propriedade e distingue-se “polícia” de um “patinho”: neste caso veja-se o “portal” de polissemias que se abrem, caminhos que se disponibilizam. Isto mostra como toda a categorização é frágil e provisória.

Na interacção metafórica há negociação entre duas enciclopédias disponibilizadas para este efeito¹⁴. Por isso, temos de distinguir, nos enunciados em que ocorrem novas recategorizações por meio da metáfora, entre o grau entendido ou “degré perçu” –a interpretação literal ou composicional– e o grau intencional (“degré conçu”). No grau entendido há um conjunto fluido de interpretações intencionalizadas¹⁵. O princípio de cooperação obriga o receptor / ouvinte a procurar o grau intencional. Escolher na enciclopédia entendida (ouvida) a enciclopédia intencional (a cerveja “majestosa” e “vistosa” como se fosse uma Dona Laura). Nestas criações há a violação de uma norma (no sentido coseriano (Coseriu 1979), como filtro feito no sistema por parte da comunidade) ou violação mesmo no sentido do próprio sistema. É a enciclopédia que se altera: é o próprio saber, a sua classificação e categorização, que se modifica. É este o efeito de uma metáfora: ao atribuir novas propriedades a uma entidade, cataloga-a numa outra espécie, estabelece novas conexões nas nossas estruturas enciclopédicas.

2. A METÁFORA COMO FORÇA REORGANIZATIVA DA EXPERIÊNCIA

2.1. A metáfora como inferência

A metáfora tem um papel essencial na reorganização da nossa experiência por força da sua capacidade de instaurar novas estruturas no real extralinguístico. Na metáfora vai-se ao magma original e tenta-se refazê-lo¹⁶. A semelhança é o princípio de inferência ou uma etapa no processo de compreensão nos quais os produtores produzem e os ouvintes compreendem (reproduzindo) a metáfora. Trata-se de uma interpretação de inferência eminentemente pragmática. Se considerarmos, por exemplo, o conceito genérico SUBORNO, encontramos expressões onde a vida quotidiana, coisas e actividades, as categorias extraídas da experiência diária do cidadão, se confrontam com outras categorias, as que são criadas pela poderosa imaginação africana:

14 Ou, por outras palavras, vê-se a «rhétorique comme espace de négociation des distances. ... négociation des distances entre les différentes encyclopédies disponibles» (Klinkenberg 1999: 148).

15 «L' effet rhétorique provient en effet de l'interaction dialectique entre le degré perçu et l'ensemble flou dit degré conçu» (Klinkenberg 1999: 148).

16 Cfr. Klinkenberg 1999: 157.

Comer dinheiro («desviar fundos» «gastar dinheiro alheio» ou «esbanjar o seu próprio dinheiro») (Lopes et al. 2002: 58)

Molhar as mãos («expressão idiomática ... que significa *forma de compensar alguém que fez algum trabalho* (por solicitação). Forma eufemística de pedir pagamento por algum trabalho. Em determinadas circunstâncias é equivalente a *suborno*») (Lopes et al. 2002: 108).

Descascar amendoim: «Significa *subornar*. Esta associação parece encontrar explicação na relação que existe entre o movimento dos dedos polegar e indicador ao descascar o amendoim e o movimento (semelhante) dos mesmos dedos para designar / indicar / solicitar dinheiro» (Lopes et al. 2002: 57)

Falar alto: «Significa *oferecer algo* (geralmente dinheiro) para resolver uma dificuldade, subornar» (Lopes et al. 2002: 65)

São Tomé: «Local de trabalho ou região de Moçambique onde não é permitida a prática de cabritismo, a corrupção e o lucro fácil, sendo por isso um lugar pouco atraente para alguns. Designação frequente que ocorre, especialmente, no funcionalismo público e que tem origem no conhecimento da antiga prática colonial de se enviar para a ex-colónia portuguesa de São Tomé e Príncipe os que eram condenados por determinados crimes» (Lopes et al. 2002: 133)

Cabritismo: «O cabrito come onde está marrado» «Esta expressão constitui uma tradução literal da língua Xichangana, ... É uma imagem do como os changanas criam os cabritos. ... No contexto do PM, a expressão idiomática, que adquiriu cunho depreciativo, significa que o funcionário no seu local de trabalho se beneficia ilicitamente dos bens ou favores. Ao longo dos anos, o idiomatismo foi sofrendo expansões semânticas, particularmente a de que *o cabrito come onde está amarrado e de acordo com a extensão da corda*» (Lopes et al. 2002: 37) equivale a *boísmo*¹⁷.

O significado metafórico é um significado intersubjectivamente estável, inferido a partir do sentido literal. E este sentido literal fornece o ponto de apoio imagético propiciando a interacção entre as duas enciclopédias. As metáforas podem depois redundar em polissemias dentro da própria metáfora. Se eu introduzir a expressão *molhar as mãos* de alguém (equivalente à expressão do PE *untar as mãos* a alguém) num texto em que a valor enciclopédico “suborno” esteja disponível ou se usar *cabritismo* como lexicalização da categorização contida em *o cabrito come onde está amarrado e de acordo com a extensão da corda* temos a denominação (ou nomeação) de algo evidente: a “água molha” e “o cabrito amarrado come à sua volta”. Mas passa-se do entendimento de “cabrito que tem necessidade de se alimentar” a «o homem preso ao poder é um cabrito esfomeado» e do traço «a água molha» a «o homem “deixa-se molhar na água”. E aqui parece haver, muito provavelmente, uma alusão ao provérbio de certas línguas bantu moçambicanas, justificando-se assim o aproveitamento legítimo e ilegítimo:

Quem entra na água sai sempre molhado (= ‘pode / deve tirar proveito’)

17 Os aa. associam *cabritismo* e *boísmo*: há efectivamente “equivalências”, mas *boísmo* não tem a ver com “boi”, mas com «job for the boys» (cfr. Vilela 2002: 273-299).

Isto é, podemos explicar estes intercâmbios nas duas enciclopédias –veículo e quadro– com base na decomposição em traços distintivos (LeGuern 1973) ou na decomposição hierárquica katzfodoriana (as subcategorizações). Por exemplo, um dos semas distintivos (ou ‘distinguisher’) de “chupa-sangue” e “chupa-sanguismo”¹⁸ “é o “usurpador” injusto, porque este traço é um dos semas de *chupa-sangue*. Este sema passa a pertencer ao semantismo do lexema *Estado*. Para nós, portanto, são os semas que, como blocos recategorizadores, (re)constituem o “pivot” metafórico.

2.2. Orientação preferencial na metáfora

A orientação mais frequente na metáfora é partir-se de um “veículo” da área do concreto e caminhar para um domínio abstracto e, neste aspecto, são inúmeros os exemplos no PM, em que, contudo, alguns dos traços típicos do domínio concreto se mantêm:

Bloquear a tranquilidade: ‘perturbar a tranquilidade’ (Lopes et al. 2002: 33)

Cortar o ano: ‘fazer a passagem do ano’ (Lopes et al. 2002: 55)

Meter na garrafa: ‘enfeitiçar’ («Um homem metido na garrafa (ou engarrafado) é incapaz de tomar decisões próprias ... é incapaz de se realizar sexualmente com *outra mulher*» (Lopes et al. 2002: 104)

Bater / batedor / batida: «roubar carros, ladrão de carros, roubo de carros» (Lopes et al. 2002: 29s.)

Avião: «homem com bom físico e bonito» (Lopes et al. 2002: 25)

Cena: «qual é a cena» “ ‘problema, situação’ «sacar uma cena: ... fazer figura que dê nas vistas» (Lopes et al. 2002: 44)

Babar: «andas a babar-me para teres melhor nota»: ‘adular’, ‘aliciar’, ‘bajular’ (Lopes 2002: 26)

Mas o contrário também se verifica. Há inúmeros exemplos em que no PE nos situamos no domínio “abstracto” e, no PM, temos uma outra categoria enciclopédica bem mais concreta:

Afinar: ‘tornar-se mais fino para ocupar menos espaço no chapa-cem’ (transporte semi-colectivo de Maputo)¹⁹

Estrutura: ‘dirigente’ ou ‘homem bem constituído’ (Lopes et al. 2002: 65)

18 «**chupa-sangue e chupa-sanguismo**» «O *chupa-sangue* é uma crença em seres misteriosos que são supostos extrair à noite, por exemplo através de seringas. O sangue das pessoas que dormem, provocando a morte ou anemia. O académico Carlos Serra acredita que a crença ... tem um fundamento político forte e representa uma crítica a um Estado sentido como sendo pouco redistribuidor. » (Lopes et al. 2002. 50).

19 «João, afina o pessoal, não podemos deixar ficar ninguém na paragem» (Lopes et al. 2002: 18).

Calamidade: ‘roupa usada’ (adquirida através de donativo ou a baixo preço) e ‘mulher separada, divorciada ou viúva vivendo com um novo homem’ (Lopes et al. 2002: 39)²⁰

Jeito: ‘preservativo’ (Lopes et al. 2002: 77)

Também há a manutenção da categoria classemática, por exemplo, concreto-concreto:

Bolacha: «[na farmácia] Arranja-me bolachas para a minha senhora?» («Significa penso higiénico» (Lopes et al. 2002: 34)

3. A METÁFORA COMO CRUZAMENTO / INTERACÇÃO DE TRAÇOS SÉMICOS E COMO INFERÊNCIA PRAGMÁTICA

Temos vindo a lidar com traços: a recategorização metafórica faz-se pela via de cruzamentos sémicos e classemáticos. Quando a recategorização remexe apenas os traços sémicos, a violação da norma (ou a violência do desvio) é menos nítida: os domínios são mais próximos; se a recategorização atingir os traços classemáticos, a separação entre as categorias –a “entendida” (ou ouvida) e a “intendida” (ou percebida) é maior. E não vale a pena negar que os traços salientes, típicos ou periféricos da teoria cognitiva se incompatibilizam com um tratamento do género da análise componencial. Nem sequer temos muito a temer pelo facto de os semas poderem não ter suporte ontológico: há que distinguir entre língua e realidade. Não se esqueça ainda que os traços aferentes de Rastier(1987) em nada diferem dos traços típicos e salientes da teoria cognitiva. O problema pode estar na descoberta de traços comuns entre o veículo e o quadro: o que nem sempre é fácil.

Há casos onde metáfora violenta sobremaneira as categorias ontológicas existentes e isso torna difícil a explicação por meio de simples troca de semas. Se, por exemplo, em *mini-saia*, o sentido de ‘cerveja pequena’ a analogia nos fornece uma interface relativamente clara: o facto de ser ‘pequena’ e, possivelmente, mostrar em ponto pequeno as suas propriedades de cerveja. Já em «*seis e meia*» como categorização e conceptualização de ‘impotente sexual’ obriga a uma inferência pragmática arriscada:

«Imagem relacionada com o facto de os dois ponteiros do relógio (o das horas e o dos minutos) se encontram justapostos e na direcção para baixo, quando são 6 horas e 30 minutos, o que se aproximaria a [sic] um pénis incapaz de erecção» (Lopes et al. 2002: 134).

20 É interessante o percurso desta palavra: por um lado, há a referência às “calamidades naturais” e a solidariedade internacional (oferecendo roupas usadas) e, por outro, há alusão a um outro percurso imagético como é o da “mulher livre que passou a viver com outro homem”.

Os traços salientes do veículo serão: ‘posição para baixo’ e ‘inércia [posivelmente pela força da gravidade]’. Parece razoável, neste caso, reportarmo-nos à explicação tradicional: o enunciado metafórico é um enunciado comparativo não saturado (*metaphora brevior est similitudo*), em que se faz a aproximação entre metáfora e comparação. Mas nesta comparação há que recorrer também à metonímia.

Seja como for, devemos concluir dizendo que, na metáfora, o travejamento sintáctico liga conceitos incompatíveis. E aqui a teoria cognitiva tem o mérito de libertar a metáfora do domínio da simbolização e de lhe reconhecer o estatuto de estrutura conceptual de pleno direito (Lakoff/ Johnson 1981). São conceptualizadoras e organizadoras da nossa experiência. Os exemplos dados por Lakoff / Johnson são convincentes²¹: estamos, em muitos casos, perante metáforas absolutas. É evidente que as metáforas –sobretudo as mais claras, como é o caso das metáforas existentes no actual PM (= português de Moçambique)– não reproduzem analogias reais ou mesmo analogias previsíveis, como era a *communis opinio* da retórica clássica, bem pelo contrário, as analogias criam as próprias analogias, instalam equivalências como se fossem um “deus” a movimentar-se de novo no “caos”²² para frabricar um novo “cosmos”.

4. TIPOS DE METÁFORAS NO PORTUGUÊS MOÇAMBICANO

A metáfora entra em todas as posições estruturais e funcionais possíveis na predicação. É encontrável nos nomes saturados em posição referencial:

«Alguém é um avião, um gataço ou estrutura», para se referir a homem elegante, a homem bem constituído,

«Alguém é uma calamidade», para se referir a uma mulher, viúva, abandonada, que vive com outro homem,

«O sexo deve ser feito apenas com “jeito”», para se referir a qualquer preservativo

«Alguém é um dezanove», para se reportar a alguém que tem um dedo a menos, como resultado da guerra.

Surge com função predicativa:

«Aquele carro / aquela aparelhagem é (um carro / uma aparelhagem) quente», porque obtido de forma ilícita e, portanto, com restrições na circulação

21 Vide explicação e aplicação em Vilela 2002: 63-104.

22 Cfr. Weinrich 1963 e Black 1954.

«Alguém é bocudo», para se referir a pessoa que fala muito, que «manda muitas bocas»²³

Ocorre com nomes não saturados:

Manta de frio: 'a manta é curta para chegar para tapar o frio a várias pessoas',

Cena: 'problema'²⁴,

Chumbo: dinheiro, salário²⁵,

Infelicidade: falecimento, morte²⁶.

Ocorre com verbos²⁷:

Afinar: afinar o pessoal [obrigar a apertar para caberem mais pessoas no chapa-cem]

Fazer botânica: fazer feitiço

Molhar as mãos: subornar

Fazer chapa: prostituir-se

Berrar no exame [dar o berro]: chumbar

Cunhar alguém: meter uma cunha

Não bater cem: não regular bem

23 Os exemplos são abundantes:

«Alguém é um seis e meia»: impotente sexual

«Uma pessoa está speed»: está bem vestida

«Alguém está speedado»: estar com adrenalina

«Aquele pita é bala. Significa atraente, bonita» (Lopes et al. 2002:L 26)

24 «Cena ... Qual é a cena? Com o significado de 'O que é que se passa?' *Cena* pode ser *problema*, ...».

25 «O chumbo não chega para nada, por isso vamos fazer greve para a semana» (Lopes et al. 2002: 50).

26 «infelicidade ter infelicidade (de) ... "O professor não veio dar aulas porque teve infelicidade do seu familiar"... o termo significa também *morte*, *falecimento*. É uma forma suave de anunciar a morte de parentes ou amigos» (Lopes et al. 2002: 75).

27 Merece um estudo mais pormenorizado a análise da formação de verbos a partir de certos nomes e, neste domínio, há também uma grande percentagem de criações metafóricas a partir de nomes, advérbios, mesmo expressões mais longas, como, por exemplo, em:

Barulhar: 'fazer barulho'

Bichar: 'formar bicha'

Cortinar: 'pôr cortinas'

Cronicar: 'fazer crónicas'

Depressar: 'apressar-se'

Estilar: 'gingar', 'vestir-se com estilo'

Fotar: 'tirar fotos'

Frescar: 'refrescar', 'apanhar o fresco'

Mafiar: 'fazer mafia'

Matabichar: 'tomar o mata bicho'

Poucar: 'fazer pouco de', 'troçar'

Anelar: 'legalizar o casamento'

Confusionar: 'criar confusão'

Bipar: 'ligar pelo telemóvel'

Boldar: 'pôr em bold'

Apanhar nome: conseguir, encontrar

Apanhar sono / grávida: adormecer, engravidar

Falar alto: subornar (o dinheiro fala mais alto)

Bloquear a tranquilidade ('perturbar')

Abrir: Ele abriu para a Suazilândia (ir [ilegalmente] para lugar), 'bazar'

Encontramos muitas reformulações das metáforas do PE, ao lado de criações puras (pelo menos aos olhos de um europeu). As categorias classemáticas são frequentemente alteradas:

Antepassado: 'penúltimo' (referido ao tempo das coisas e não a pessoas)

Quente referido carro roubado (por ter circulação restrita, não pode circular livremente)

Nascer meninos: dar à luz

(*ser um*) *seis e meia*: 'impotente sexual'

Padre-nuanacaja: 'freira' ou 'padre mulher'²⁸

Médico de boi: 'veterinário'

Sendo a metafóricidade um dos traços definidores dos provérbios torna-se interessante ver como valores mais ou menos tidos como universais –porque próprios do homem como tal– são expressos em algumas das línguas nacionais²⁹. Em muitos deles, encontramos uma maneira muito própria de dizer as coisas:

Água que se entorna não se apanha = o que não tem remédio remediado está (PE)

O que tem chifres não se embrulha= tudo se vem a saber

Coma o que é seu, eu como o que é meu= cada um por si, Deus por todos

Esticar a pele enquanto ainda está molhada= as castanhas apanham-se quando caem

Outros há que, a meu ver, saem fora da nossa maneira de conceber as coisas, embora o seu sentido se nos torne claro:

Passarinho voa e pousa= saco vazio não fica de pé (PE)

Cada um vê a lua do seu quintal= 'cada um vê as coisas à sua maneira'

Quem entra na água sai sempre molhado= 'tirar proveito'

O piolho que nos morde está dentro das nossas roupas= 'o nosso pior inimigo somos nós mesmos'

Nas fraseologias em sentido estrito –ou expressões idiomáticas– surge todo um manancial a explorar. Mas, para uma análise mais adequada, seria indispensável o contributo

28 Formação do feminino de padre: «*nuanacaja* significa *mulher* em Cisená» (Lopes et al. 2002: 120).

29 Para uma visão geral do texto proverbial africano vide Teresa Manjate 2000.

directo de quem possua um conhecimento activo das línguas autóctones. E para mostrar como também é rico este domínio, veja-se o exemplo seguinte:

Parar o vento com as mãos= a irreversibilidade das coisas

5. BREVE INDICAÇÃO DE ALGUMAS PREFERÊNCIAS DA METONÍMIA NO PM

É sabido que a metonímia tem igualmente um papel interessante na neologia e na construção das línguas, e o PM não foge à regra. Encontramos, neste domínio, todos os portais possíveis. Seria redutor dizer que a metonímia, a parte pelo todo, um dado elemento mais relevante, etc., assumem a nomeação lexicalizada da totalidade, trate-se de um objecto ou de uma instituição: estamos mesmo em presença de uma das marcas importantes do PM, embora a metonímia represente também, se não uma violação na categorização normal da língua, um conflito de ocorrências. Vejamos apenas alguns exemplos. Assim, por causa da figura de Malangatana que surge nas notas de 5.000 meticais, diz-se:

«pagar dois malangatanas por x»,

ou por causa das figuras-motivo dos símbolos dos partidos, estes passam a ser identificadores dos respectivos mesmos:

«partido do batuque e da *Maçaroca*»,

«o partido da *perdiz*»,

os lugares onde estão localizados serviços ou instituições que servem para designar um determinado tipo de actividade:

«fazer trabalho de *marracuene*»

equivalendo a ‘fazer coisas próprias de malucos’ devido ao facto de em Marracuene existir a instituição que trata os deficientes mentais. Ou ainda, o lugar onde se pratica determinada actividade ou profissão: Assim,

Fazer chapa

tanto pode designar o *chapeiro*, o ‘motorista’ do *chapa-cem* (também uma metonímia) designação associada ao antigo preço do título de transporte (cem meticais) e ‘prostituir-se’ (Lopes et al. 2002: 46 e 66). A entidade que é o símbolo de uma dada actividade, como é *book* [buk] ou livro, serve de ponto de partida para a criação de:

Bucar: ‘estudar afincadamente’, ‘marrar’

Como ainda a propriedade de um objecto, 'ser luminoso', 'brilhar' - como *shine* - proporciona o termo:

Tchunar: 'estar bem vestido', 'vestir à moda'³⁰

A generalização da designação de um dado produto, tornando-se o protótipo de uma dada classe, como

Colgate: para designar qualquer pasta dentífrica,

ou *baigonar* para indicar a aplicação de qualquer insecticida. Dá-se também o invés, o geral pode servir para designar um elemento, embora importante, do todo:

Nação para designar o 'governo central' («Já tenho autorização da nação» (Lopes et al. 2002: 113)

6. CONCLUSÃO

Para fecho da minha reflexão, escolhi um texto que mostra o valor da palavra e o seu confronto com a imagem:

«Tudo pode ser fotografia. ...*Uma palavra pode ser fotografia* porque, da mesma maneira que uma imagem não precisa de ser uma boa fotografia para ser uma boa imagem, no sentido de que não precisa de ser esteticamente perfeita, necessita é de criar um universo para a pessoa que a está a ver que a faça lembrar-se de outras coisas, que tenha várias leituras possíveis ... uma palavra pode ser uma imagem. *Se eu puser uma imagem de uma guerra, ela é mais redundante e mais específica, porque corta a imaginação de uma pessoa, do que se eu puser a palavra- guerra. Qualquer imagem do Holocausto é talvez menos forte do que a palavra -Holocausto- em que cabem as fotografias assustadoras dos corpos nus empilhados, mas também todo o sofrimento individual. A palavra é menos gratuita.*» (Daniel Blaufuks, Pública 2002-12-01) [os itálicos são meus]

Procurámos sobretudo dar a palavra à língua, embora tenhamos enformado a língua com algumas explicações teóricas sobre os caminhos da metáfora e a sua força reorganizadora da experiência. As reflexões aqui explanadas representam o encantamento de um falante -que deseja ser um falante atento- do PE. A cada palavra nova que oiço ou leio corresponde

30 Trata-se muito provavelmente de um empréstimo da língua inglesa [to shine], feito na língua Xichangana: kutichuna. Usa-se mais no participio: *tchunado* (cfr. Lopes et al. 2002: 139).

o acordar em mim da profundidade mágica da alma africana. Tenho a impressão de mergulhar no magma original dos conteúdos e assistir à arrumação genesíaca do “caos”: estou a reler o relato da criação do Génesis, pois estou perante a metáfora original e primitiva.

BIBLIOGRAFÍA

- Black, Max (1962). «Metaphor», ID. - *Models and Metaphors*, Ithaca, N. Y.: Cornell Univ. Press.
- Cabral, A. Augusto; C. Pereira 1972. *Pequeno dicionário de Moçambique (Moçambicanismos e termos nativos mais correntes)*, Lourenço Marques.
- Charbonnel, Nanine (1999)- «Métaphore et philosophie moderne», in: Charbonnel / Kleiber 199: 32-61.
- Charbonnel, Nanine e Kleiber, Georges (orgs) (1999). *La métaphore entre philosophie et rhétorique*, Paris: puf.
- Coseriu, Eugenio 1979. «System, Norm und ‘Rede’», in: Id. – *Sprache, Strukturen und Funktionen*, Tübingen: Gunter Narr Verlag, 45-60.
- Firmino, Gregório 2002. *A “questão linguística” na África-pós colonial: o caso do Português e das Línguas Autóctones em Moçambique*, Maputo: Promédia.
- Honwana, Alcinda Manuel 2002. *Espíritos vivos, tradições modernas. Possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no sul de Moçambique*, Maputo: Promédia.
- Kleiber, Georges (1999). «Une métaphore qui ronronne n’est pas toujours un chat heureux», in: Charbonnel / Kleiber 1999: 83-134.
- Kleiber, Georges (1999). «De la sémaqtique de la métaphore à la pragmatique de la métaphore», in: Charbonnel / Kleiber 1999: 3-13.
- Klinkenberg, Jean-Marie (1999). «Métaphore et cognition», in: Charbonnel / Kleiber 1999: 135-170.
- Le Guern, Michel (1973). *Sémantique de la métaphore et de la métonymie*, Paris: Larousse [trad. portuguesa (por Graciete Vilela): *Semântica da metáfora e da metonímia*, Porto: Telos, 1974].
- Lopes, Armando J. / Siteo, Salvador Júlio / Nhamuende, Paulino José 2002. *Moçambicanismos. Para um Léxico de Usos do Português Moçambicano*, Maputo: Livr. Universitária (Universidade de Eduardo Mondlane).
- Manjate, Teresa 2000. *O simbolismo no contexto proverbial Tsonga e Macua - Lomwè*, Maputo: Promédia.
- Mendes, Irene. *O Léxico no Português de Moçambique (Aspectos neológicos e terminológicos)*, Maputo: Promédia.

- Richard, Ivor Armstrong (1936). *The philosophy of rhetoric*, N. Y. (Houve nova edição em 1964, Oxford University Press).
- Sperber, Dan / Wilson, Deirdre (1995). *Relevância: comunicação e cognição*, Trad. de H. Santos Alves, Lisboa: Gulbenkian.
- Vilela, Mário (2002). *Metáforas do nosso tempo*, Coimbra: Almedina.
- Weinrich, Harald (1963). «Sematik der kühnen Metapher», *Deutsche Vierteljahrsschrift für Literaturwiss. und Geschichte*, 37.
- Wierzbicka, Anna (1992). *Semantics. Culture and Cognition: Universal Human Concepts in Culture-specific Configuration*, Oxford: Oxford Univ. Press.